

# HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UMA VIDA DEDICADA À LUTA

ENTREVISTA COM MIECESLAU KUDLAVICZ (Agente da CPT-MS)

Entrevista realizada por Maria Celma Borges<sup>1</sup> e Andrey Minin Martin<sup>2</sup>, docentes e historiadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, em 18/11/2025.



A trajetória da luta pela terra no Brasil, ao trazer para a cena da história a agência humana remonta sua própria historicidade e perpassa todos seus períodos, da colônia ao tempo presente. Nessas veredas, muitos sujeitos e entidades possuíram e possuem centralidade no processo e deixaram/deixam suas marcas e

---

<sup>1</sup> Doutora em História - UNESP - Docente História/UFMS- E-mail: maria.borges@ufms.br. ORCID:0000-0002-1282-9567

<sup>2</sup> Doutor em História - UNESP. Docente História/UFMS- E-mail: andrey.martin@ufms.br. ORCID: 0000-0001-7714-1264

marcos de memória na vida e na luta por justiça e defesa dos povos da terra, em um país tão desigual. Em entrevista realizada com os historiadores Maria Celma Borges e Andrey Minin Martin, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, o agente da Comissão Pastoral da Terra, Mieceslau Kudlavicz, compartilha suas experiências de uma trajetória de mais de cinquenta anos junto à pastoral, da/na luta pela terra em vista dos seus (des) caminhos no campo brasileiro. Nesta oportunidade, apresentamos a entrevista, na íntegra, como uma fonte histórica, a evidenciar as contribuições de “Mie”, como é conhecido nos lugares de luta, seja no campo acadêmico da Geografia e de outras áreas do saber e nas pastorais do campo brasileiro.

***De início, gostaríamos que se apresentasse e falasse de sua trajetória.***

**Mieceslau:** Meu nome é Mieceslau Kudlavicz, conhecido mais por Mie, que é mais fácil. Hoje eu estou com 76 anos, ainda espero chegar até os 100. Nasci em uma colônia de poloneses, num município chamado Contenda, numa colônia chamada 173 Poçinho. Era uma colônia só de poloneses, muito próximo de Curitiba. E a minha vida até os 20 anos, de certa forma, esteve muito relacionada com agricultura, com trabalho no campo, com a lavoura, né? Porque meus pais eram agricultores, minha família toda são agricultores até hoje, eu tenho parte deles ainda. Cuidar da criação, das galinhas, dos porcos. Sobre a vida escolar, comecei estudando num colégio de freiras, num internato, né? Pra fazer o que eles chamavam de primário. Estava a 8, 10 quilômetros de casa, né? E meu pai pagava os nossos estudos, a nossa internação, com a produção. Então, toda semana, cada 15 dias, ou quando ele podia, ele levava um saco de arroz, um saco de batatinha, de feijão, de milho, enfim, tudo o que ele produzia. Aí, os últimos anos, eu já fiz uma escola que tinha lá na área rural mesmo, na colônia. Quando eu terminei o quarto ano, eu fui para o seminário, em Araucária. Naquela época ainda era necessário fazer admissão, pra você poder fazer o ginásio. Ali eu fiquei quatro, cinco, seis, sete, oito anos. Aí depois que eu terminei o ensino médio, isso já foi em 69, e fui pro seminário maior, pra fazer teologia, na capital. Eu

estudava no seminário de uma congregação, chamada dos Vicentinos. E tinha meu irmão, que também foi seminarista e virou padre. Eles já tinham criado uma certa rebelião dentro da congregação. Se rebelaram contra a orientação do seminário, que era muito favorável à ditadura. Teologia era um instituto muito conservador. O instituto que eles estavam fazendo era o Instituto Franciscano, que já estava ligado mais à Teologia da Libertação, discutia os documentos do Vaticano II. Eu terminei teologia também dessa forma. Em 1974 eu concluí os estudos de teologia e fui trabalhar em Rondonópolis, já como ordenado. Fiquei até 1980 quando fui para Bahia, cidadezinha bem do interior. Lá eu fiquei mais de 5 anos, em Cansanção. O município tinha 25 mil habitantes, 5 mil na área urbana. Uma região que passava por muitas dificuldades, seca extrema, muito sofrimento, pouca renda.

***Passou grande parte de sua trajetória durante o regime militar. Como foi este período?***

**Mieceslau:** A gente tinha que tomar muito cuidado, principalmente quando a gente fazia a defesa dos posseiros. Por exemplo, Rondonópolis, muito posseiro sendo despejados e não era somente a polícia, mas uns jagunços. Queimavam barracas. Mas o momento que senti mais, foi quando estava na capital, década de 1970, você não podia reunir duas pessoas na rua, numa esquina. E naquele momento estávamos ligados a um seminário chamado Salestinos, que era um seminário progressista nisso, que era contra a ditadura e tal, apoiava a Teologia da Libertação. Então, a gente conseguia se reunir lá naquele seminário para fazer as celebrações, para poder pelo menos conversar mais. Porque no próprio Instituto de Teologia a gente não sabia se não tinha um infiltrado ali. E isso aconteceu aqui até quando eu cheguei aqui em Três Lagoas. De certa forma, a gente sentiu, numa época em que o pessoal estava acampado na catedral. Tinha um sujeito que entrou ali para ser acampado também, isso já era em 85, ele ficou acampado junto, só que todo mundo desconfiava dele, porque, na hora que ele podia, ele dava uma fugidinha, ele ia ali a um lugar que se chamava Brasinhas, comer numa lanchonete. Ele ia lá e estava

sempre se comunicando com alguém no telefone público, tinha dinheiro. E depois ele sumiu. Mas o que você mais sentia, assim, no tempo da ditadura, porque ainda tinha muito aquele negócio do comunismo, né? Então, as rádios acabavam com a gente.

***E em que momento a CPT entra em sua vida?***

**Mieceslau:** Em Rondonópolis. Quando foi criada a CPT em 1975, meu irmão, Dionísio, estava trabalhando em Rondonópolis também. E a gente já acompanhava essa questão dos posseiros na região, despejos e tal, né? Meu irmão já tomou conhecimento com o Ivo Poletto, que se tornou o primeiro secretário executivo da Comissão Pastoral da Terra, e ele já ficou responsável em organizar a CPT no estado de Mato Grosso, que não era dividido ainda. Então, já o contato era junto com ele. Naquela época, a gente até criou um boletim que a gente chamava de Aroeira, que era um boletim onde a gente registrava todos os despejos, ameaças que tinha contra os posseiros e agricultores na época. E muita coisa disso, inclusive muita reunião, 175 acabava acontecendo até na paróquia onde eu trabalhava. Então, minha relação com a CPT começou já desde sua criação. Participei de muitos encontros de camponeses que foram realizados lá, com a presença, inclusive, do secretário executivo. Eu lembro muito bem de um encontro que nós fomos fazer uma vez, numa cidade lá de Mato Grosso, chamada de Alto Paraguai, se não me engano, tinha uma área de posseiros lá grande. E aí tinham marcado um encontro de formação com agricultores que eram agricultores, década de 70. Não tinha asfalto pra lá. Aí nós fomos num dia anterior e dormimos na casa lá de um desses posseiros para a reunião, a formação, mas não ia ser na casa, iria ser numa matinha que ele tinha ali que ele limpou. Chegou de manhã seguinte, nós aguardando um pouco, cadê o povo? O povo não vem, não vem, cadê o povo. Aí, daqui a pouco começou a chegar o pessoal e começaram a contar a história. Acabaram de sofrer um ataque de jagunços. Muitos deles estavam escondidos no mato, porque conseguiram escapar. Tinha uma cidadezinha onde tinha um colega meu também, que se chamava Fica-Faca, que hoje

chama-se Nova Brasilândia. Lá tinha muitos jagunços, muitos pistoleiros, e muitos posseiros, que viviam ameaçado de morte constantemente. Os posseiros também matavam jagunços. Contavam que os posseiros, cansados desses ataques dos jagunços, fizeram uma armadilha. E aí, eles se posicionaram, uma turma dos posseiros se posicionou de um lado da estrada aqui e a outra turma se posicionou do lado de cá. Na hora que passasse a caminhonete com os jagunços, todo mundo pregava fogo, de um lado e do outro.

***Poderia falar um pouco sobre sua família, estas relações...***

**Mieceslau:** Nós éramos em oito pessoas, oito filhos. Eram três mulheres, mas uma faleceu com dez anos, era mais nova que eu, faleceu num acidente de carroça em casa. Foi uma coisa muito triste porque nós ficamos todos em casa, meu pai ficou lá com ela no hospital, mas faleceu. O meu irmão, que foi padre comigo, mais os demais, ficaram todos na roça trabalhando praticamente. Nenhum saiu do Paraná, só eu e o Dionísio que se ordenou.

176

***E sua passagem pela Bahia?***

**Mieceslau:** Na Bahia, o peso do coronelismo dava pra sentir muito diretamente, ligada a essa questão da pobreza, o voto de cabresto por lá era a coisa mais normal que tinha. E tinha uma realidade lá na área rural que chamava muito a atenção. A minha impressão, não entendi muito bem na época é que a maior parte daquelas terras lá não eram documentadas, eram tipo terras assim, que o pessoal foi, alguém ocupou ali, e aí os filhos foram casando, ficando ali, os filhos dos filhos foram casando, foram ficando ali. E aí você chegava numa comunidade rural, pra você lembrar, uma comunidade que tinha aí 20, 30, 40, 50 famílias, era tudo parente, né? E tinha o chefe geral, não lembro o nome específico, e que tudo que fosse acontecer ali, só acontecia com a permissão dele, inclusive, o voto também passava por ele. Porque aí ele já tinha uma ligação com algum político ali e tal, né? Você não tinha, não sentia uma liberdade daquelas famílias de fazer o que elas quisessem.

***E a vinda para Três Lagoas, o que motivou?***

**Mieceslau:** Foi em 1985, maio de 85. Aqui, a CPT foi criada em 1982. Quando cheguei já tinha aqui um grupo de agentes da CPT. Tinha o famoso Chico Brambartt, que era um dos primeiros. O Dalvi. Chico com a esposa dele, a Zelinda, quando eu comecei a fazer os trabalhos, comunidades, CEBs. E logo veio a enchente, desalojou aqui o pessoal. O trabalho era muito forte naquela época. O início da CPT foi exatamente também com os ribeirinhos, né? Mas eles já faziam o trabalho também com o Sem Terra, organização do Sem Terra e a Fundação dos Sindicatos. Teve um acampamento, na fazenda Jatobá, arrendatários, que ela fazia divisa com a estrada de ferro, né? E aí, não sei, conseguiram identificar que aquela área, parte dela, não estava documentada, e aí eles estavam se negando a pagar os arrendamentos e também se negando a sair da fazenda, né? Estavam reivindicando uma parte dela pra desapropriação. Enviaram uma carta pro governador, na época, Wilson Barbosa, se não me engano. Mas era um grupo muito pequeno, cerca de 25, 30 famílias, a uns 33 quilômetros da cidade. Sobre a vinda, eu queria sair, não estava aguentando mais a situação. Na minha cabeça também tinha uma coisa, sempre sonhando que um dia o padre podia casar e continuar exercendo o ministério como casado. Isso era um sonho meu, já que eu tinha. Eu vou me ordenar, mas...A expectativa, a Teologia da Libertação, essas discussões todas, né? E aí também com aquela situação lá da Bahia, né? Não cabia, na cabeça deles, o padre, não sei, não casava, né? Mas a razão maior que eu estava querendo sair da Bahia, é que eu não estava aguentando mais aquele isolamento, não tinha com quem discutir, né? Eu me encontrava uma vez por mês com os outros colegas, mas todos os dias eu vendo esse sofrimento do povo, passando fome, passando necessidade, não é isso? E em 84 eu fui fazer um curso aí no São Paulo, chamado Cesep, que era um curso assim para agentes populares, agentes de pastoral, formação de agentes populares, quatro meses de curso no São Paulo. Aí lá no curso em São Paulo é que eu conheci a Belquis, né? E conversa daqui, conversa dali eu já querendo sair da Bahia. E aí eu fiquei sabendo que aqui em Três Lagoas o bispo que estava era o Dom Isidoro, que foi professor no tempo do

seminário, na década de 60, aí foi bom. E o pessoal aqui de Três Lagoas ficaram sabendo que eu estava querendo sair da Bahia e já ficaram interessados para que eu viesse para cá, né? O João Carlos, inclusive, ele foi lá me ver no CZEP, se eu quisesse, podia vir para cá, queria se aceitar e tal, né? Porque eu poderia até trabalhar na pastoral da terra. Aí eu mandei uma carta, também conversei com o bispo, né? Ele concordou, aceitou que eu viesse para cá. Eu podia vir para cá, mas já vinha com a intenção, também de casar com a Belquis, eu já tinha, mais ou menos, durante o curso, conversado e tal, né? E independente se fosse trabalhar na CPT ou não, a minha ideia já era ir para cá, só que aí combinou o bispo, aceitou, e vim em 85, no mês de maio. Em junho já me enviaram para acompanhar o acampamento dos Brasiguaios em Mundo Novo, acampamento de umas 900, 1000 famílias, mais ou menos. Eu nunca tinha acompanhado um acampamento assim, né. Mas fui eu e um outro companheiro meu que trabalhava aqui na CPT, Paulinho, ficamos 15 dias lá para ajudar na organização, por setores, alguém responsável de alimentação, pela saúde, pela articulação. É uma organização enorme que você tem que fazer de 178 acampamento. Quando cheguei em 1985 era mais a questão dos ribeirinhos, de certa forma, já tinha o assentamento dos ribeirinhos lá do lado do São Paulo, do Jupiá, que eram 109 famílias, e já tinha mais de 110 famílias de pescadores assentados do lado de cá, chamado Capatazia do Jupiá, E aqui tinha um movimento maior, assim, dos ribeirinhos aqui, lá, ligado a diocese, era em Brasilândia, que ainda estavam bastante sofrendo das consequências da enchente, mas já estava sendo feita a discussão da barragem de Porto Primavera. E na época uma das teorias levantadas pela CPT, era de que aquela enchente de 82 foi provocada pela CESP, para ver mais ou menos onde que ia pegar o enchimento do lago, na cota 259. Um teste. E o forte de uma, era, que realmente era a organização, que a gente chamava das comissões do sem-terra. Já tinha iniciado com o pessoal antes, em 1982, quando a CPT começou, a articular essa questão aqui do sem-terra também. Só que a articulação da comissão do sem-terra era feita também junto com a questão sindical. Porque aqui nessa região não existia nenhum sindicato de trabalhadores rurais.

Com a questão das barragens, das enchentes e tal, mobilização dos ribeirinhos, o primeiro sindicato foi criado foi de Bataguassu, porque ela tinha uma população grande atingida também de ribeirinhos, então foi criado o primeiro sindicato. Agora, Brasilândia, Três Lagoas, Santa Rita do Pardo, não tinha sindicato de trabalhadores rurais. Porque a ideia da CPT naquela época é que os sindicatos tinham que assumir a causa da reforma agrária, tinha que assumir a luta pela terra. Aí foi fundado o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Três Lagoas, não lembro se foi em 83, 84 foi fundado. Em 85, 86, a CPT fez um esforço bastante grande de fazer a organização do sem-terra, a partir daquela proposta que é o primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária. Porque o movimento sem-terra até criou uma cartilha, e não era só aqui que a gente fazia a organização do sem-terra. A CPT tinha assumido aqui no Mato Grosso do Sul a luta pela organização do sem-terra. Assim que em 86 foram organizados aqui no estado 13 acampamentos de sem-terra.

### ***E o América Rodrigues, em Três Lagoas?***

179

**Mieceslau:** O acampamento América Rodrigues é fruto desse trabalho da organização do que nós chamávamos a comissão do sem-terra. Cada município criou uma comissão do sem-terra, que a gente reunia pra fazer formação antes do fim de semana, E nesse sentido nós fomos discutindo com o pessoal, como eles queriam fazer, acampar ou se queriam fazer um abaixo-assinado para governo, ou ocupação. A ocupação ninguém estava muito a fim de fazer aqui na região e abaixo assinado não virou nada. Aí acharam por bem organizar então um acampamento. E a discussão que a gente fez nesses lugares todos, onde que a gente ia acampar, como é que é? Tem que pensar em estrutura deles. Só que onde a gente ia fazer essa ocupação não ficou muito claro pro pessoal que ia ser, até na véspera. Aí na véspera, como a CPT já tinha informação junto com os camponeses aí da região, que tinha essa fazenda Água Limpa. Se falava em quarenta mil hectares de terra dessa fazenda. Que a proprietária, ou o proprietário era acho que de Minas, que não tinha nada, era um serradão mesmo. Duzentos e cinquenta famílias na época acamparam.

Só que acamparam um dia, dois, três dias depois, como o governo do estado já tinha tomado a decisão de acabar com todos os acampamentos da beira da rodovia, já tinha feito o despejo de vários outros acampamentos aí no estado. Uns três dias depois, se mudando a polícia baixou ali, duzentos policiais e despejaram, na marra, todo mundo ali. Foram parando com os caminhões de boiadeiro que vinham de Brasilândia pra cá, ou os que iam de Três Lagoas em direção a Brasilândia e falando com o pessoal, “você vai pra onde, você quer ir pra onde? Tá tal lugar, então sobe aqui no caminhão e vai pra lá”. Muita gente voltou pra casa mesmo, desistiu da luta. Muita gente veio e foi despejado aqui em Três Lagoas. Muitos ficaram pela rodoviária, se não me engano. Aí a CPT, no dia seguinte, conseguiu, no dia seguinte, reorganizar um pouquinho o pessoal e levar pro centro diocesano, ver o que que iam fazer, pra onde que iam. E na conversa com o bispo, autorizou que a gente ficasse acampado ali na Praça da Bandeira, achando que aquilo ali era propriedade da igreja. Essa que era, o bispo achava que era propriedade da igreja, não é isso? A praça toda ali. Só que imediatamente veio ordem de despejo dali também, não sei 180 se foi uma semana. Aí foi um clima tenso. A gente ficou sabendo que no dia seguinte ia despejar. Aí a noite toda a gente recolheu todo mundo do barraco, recolheu pra dentro da igreja. E estava com medo que eles viessem a noite, e aí tudo já aconteceu. Uma coisa mais séria, que a gente recolheu o pessoal pra dentro da igreja, e ficamos lá dentro da igreja aguardando se a polícia chegava ou não. Eles já chegaram com caçambas, da prefeitura, de queimar, e os policiais foram levando tudo que tinha ali. Os barracos jogando pra dentro dos caminhões, das caçambas. E foram levando para a estrada ali da Ilha Comprida e enterraram tudo, todos os utensílios, fogões, o que o pessoal não recolheu pra dentro da igreja e os levaram, o resto eu nem sei pra onde foi. Um clima assim, pesado, de terror, chegou aquele batalhão, não sei, com os policiais. E o bispo não estava ali, estava em Santa Rita do Pardo. O pessoal pediu pra que eu pegasse a Toyota e fosse buscar, não tinha telefone e nada na época. E naquela hora que fui atravessar a praça ali, no escritório da CPT, os policiais estavam tudo ali, ameaçou me prender, porque eles sabiam que a gente era da CPT. Aí o bispo

veio, veio, e de certa forma, autorizou liberar, permitiu que o pessoal ficasse ali dentro da igreja. Tinha casamento marcado e teve o problema com a comunidade. Com crianças, dormindo, foi um escândalo. E então, a gente começou a negociar com o Padre Salesiano, que permitiu que a gente organizasse o acampamento dentro do pátio dos Salesianos, onde está o centro pastoral. Ali o pessoal ficou acampado mais ou menos um ano. Nesse período também aconteceu um fato muito sério. Foi um dia que nós resolvemos fazer uma celebração ali na praça, uma celebração com o pessoal de acampar. E a polícia baixou ali para expulsar todo mundo, achando que o pessoal ia acampar. E foi naquele momento que teve aquela senhora, América Rodrigues, ela sofreu um ataque cardíaco e morreu ali mesmo. A gente resolveu dar o nome de acampamento de América Rodrigues da Silva. Mas ali ficou mais ou menos um ano. Aí os padres também não estavam aguentando mais, a pressão da comunidade. Nós conseguimos negociar com um pequeno proprietário de terras, um sitiante, da barranca do rio, mais ou menos um hectare, bem na beira do rio, para montar o acampamento lá. A polícia levou todo o pessoal de novo lá para a 181 beira do rio. Ali lá ficaram acampados mais um ano, uma coisa assim. Lá é que eles foram levados para o assentamento que chamou na época Santo de Inácio. Depois virou Marcos Freire. A história dessa época é triste. Porque aí, de lá, de novo, foram concentrados os treze acampamentos que estavam esparramados pelo Mato Grosso do Sul. Então, foi o pessoal daqui que não me lembro quantas famílias que eram, cento e poucas famílias, cento e vinte, cento e trinta famílias. Aí de lá, de novo, depois de um certo tempo, começaram a ser redistribuídos, alguns foram assentados, ficaram ali no Marcos Freire, alguns foram ali para uma ocupação que saiu, de do Monjolinho, outros foram assentados lá em Corumbá e teve gente que foi assentada em Casa Verde, Nova Andradina. Então, foi espalhando. O pessoal foi escolhendo, é uma desestruturação social, assim, as relações sociais. E depois desse fato nós não conseguimos mais aqui organizar a luta dos sem-terra, nem aqui, nem no estado, é muito difícil. Porque o pessoal ficou apavorado.

***Foi nesse contexto que o Dom Isidoro sofreu a violência?***

**Mieceslau:** Não, foi depois. Isso foi já em 1991, mas já não tinha mais o acampamento aqui. Mas a marca dele ficou, porque começou a sofrer-se em ataques aqui da elite da cidade, dos fazendeiros, desde que começou a pastoral da terra aqui, 81, 82, com a luta dos ribeirinhos, já começou o ataque. Isso muito por causa do Chico Brambatti, que fazia barulho, arrojado, bom de discursos também, fala alto, cantador, músico. E ele, na época dos atingidos pela barragem, inclusive, foi preso, defendendo a questão lá dos pescadores. E aí os ataques para o bispo eram diários. Só que aí o que aconteceu com o bispo, depois daquele ataque que ele sofreu, aquele assalto, sei lá, aquela reação que ele sofreu dentro de casa, ele tinha se recuperado, a Pastoral deu uma força muito grande para ele, a CPT o levou, inclusive, deu todo o apoio, levou ele para Campo Grande. Mas depois desse ataque que ele sofreu na casa, onde embebedaram ele, quase morreu de coma alcoólico, a informação que tivemos, a agressão maior veio dos padres, estavam revoltados com a posição, a posição aqui da Pastoral social, que fazia o trabalho também aqui nos bairros da cidade, organização de associação, da pastoral da saúde, de direitos humanos, dentro do perímetro urbano, vamos dizer assim. E não só aqui, em todos os lugares. E teve um dos padres, que se mostrou muito amigo da CPT, que quando ele estava sem paróquia, sem nada, que ele apareceu aqui na cidade, ele ficava lá na CPT, no escritório da CPT, a gente estava até gostando dele, aí ele acabou assumindo a paróquia lá de Cassilândia. Pouco tempo depois, uns dois anos depois, ele não organiza essa revolta dos padres? Escreve uma carta e manda aqui, ou ele ficava com as pastorais e os padres iam embora ou ficava com os padres. Aí o bisco, claro, não dá pra ficar sem os padres e fechou a Pastoral. Foi em 91, 92. Eu não sei se o professor Vitor que talvez até tenha conseguido recuperar essa carta nos arquivos. E foi assim o final da ação das pastorais sociais na diocese.

182

***E como foi o contato com o IAJES?***

**Mieceslau:** Olha, era mais porque as pastorais da CPT e a pastorais sociais tinham épocas que funcionavam no mesmo escritório junto, né? Um tempo a CPT funcionou na casa das irmãs. Todas as pastorais juntas. Aí a CPT resolveu alugar uma casa perto da rodoviária, separada das pastorais sociais. E as pastorais sociais aí receberam oferta do bispo, da pastoral social, de se transferir lá pra casa do bispo. Mas foi pouco tempo que aí os padres se revoltaram, mais ainda o bispo cedeu na casa dele, aí foi um estopim, né? E qual que era a relação disso com Andradina? A turma, vamos dizer, a turma de João Carlos, Bél, Belquís, vieram pra cá quase como uma filial do IAJES também, pra criar a Pastoral social. Mas eles ficaram muitos ligados, com o IAJES, apesar daqui a pastoral ser a pastoral social de Três Lagoas. Mas tinha uma ligação sentimental. Semanalmente eles estavam se encontrando, tinham reuniões juntos, faziam trabalhos conjuntos. Só que a CPT aqui de Três Lagos não tinha essa relação com o IAJES. Quem tinha era a Pastoral social. Algumas ações, poucas, eram no projeto Jupiá, que apesar de ser do Estado de São Paulo, a CPT autorizou a participação, pela conexão com a luta dos ribeirinhos. A CPT de Andradina 183 funcionava no mesmo prédio do IAJES. Tinham ações conjuntas, mas tinha uma independência de prioridade e atuações, financeira, etc. Projetos como “novo jeito de ser igreja” acabavam juntando ações de outras pastorais daqui e região, ligados a este projeto, como um guarda-chuva para os projetos.

***Gostaríamos que falasse um pouco sobre a experiência em ilha comprida.***

**Mieceslau:** Minha experiência foi mais no final, das discussões sobre a formação do lago de Porto Primavera, que se inicia no início da década de 1980 e se encerra perto de 2000. Sai ou não sai a barragem, e fazíamos a discussão, não acreditavam que ia sai e inundar tudo. Então, com os ribeirinhos fizemos mais entre 1995 e 2005 acompanhando os da barragem. Em relação a Ilha Comprida, já era num momento que estava certo que iam ser atingidos e tal, ver o que eles queriam fazer, qual a ajuda, tem que tomar uma decisão, o que querem. Então foi muito mais neste sentido, de procurar um novo lugar, terra para eles, próxima ao rio. Tentamos uma

fazenda próximo de Brasilândia, mas o fazendeiro não aceitou a CESP fazer um assentamento ali, ele combinou e desistiu quando fomos ver a terra com o pessoal, não gostou que passamos direto por ele. Acabou qualquer negociação. Aí fomos ver outra, a CESP ofereceu lá em Bataguassu, fomos lá, sessenta quilômetros o pessoal não gostou. Ai o vice-prefeito daqui na época ofereceu a fazenda do pai dele, em Santa Rita do Pardo. Fomos de ônibus, olharam, olharam, gostaram, mas alguns não concordou e voltamos sem nada. Aí conseguiram um da Piaba, aí o pessoal gostou, andou, dono foi simpático e acabaram aceitando e foram assentados lá. Depois da Piaba eu acompanhei por uns cinco anos o processo de permanência, tentamos fazer as discussões, fazer serem aceitos pelo INCRA, para ter acesso ao Pronaf, o que depois conseguiram.

***Voltando mais aqui para Três Lagoas, e sobre o Cinturão Verde, quais as relações e embates.***

**Mieceslau:** Olha, esse Cinturão Verde é um problema de difícil solução. É uma solução política. Se algum prefeito quiser, ele resolve, faz um assentamento, a terra é da prefeitura. Esse problema começou em 1975 quando a CESP comprou essas terras por ocasião da barragem, a tal da fazenda Santa Helena, pegava toda esta parte, da Vila Piloto, universidade. E esta área toda foi a época destinada para ser área comercial, mas na época a prefeitura como não tinha indústria nenhuma, ela cedeu um hectare para quem quisesse plantar, pessoal da cidade, mas não poderia morar, somente cultivar. Não tinha estrada, difícil acesso. Lembro quando cheguei aqui que tinha cultivo de arroz, mandioca, coisas mais do cotidiano. Um comodato. Aí foi ficando complicado a partir de 1988, a CPT ainda não acompanha, mas foi ali que tomamos uma posição em relação a um despejo, digo, destruição de toda produção que existia, prefeitura passou o trator em tudo, para destinar para uma metalúrgica. E o pessoal ficou na mão e lembro que organizamos uma reunião com o pessoal e a prefeitura, para ver o que eles iam fazer. Essa foi uma primeira intervenção, perderam o que foi destruído, a empresa fez somente um barracão que

ainda existe e não se instalou a metalúrgica. Depois praticamente não tinha uma ação no Cinturão. Ação maior começou mais no fim da década de 2000, 2002, quando a prefeitura ameaçou com um projeto de irrigação de um alemão, um tal de Albert, que iria irrigar todos os lotes, desde que os moradores cedessem parte dos lotes, aumentando o número de famílias. Só que ninguém acreditou e concordou, dezenas de reuniões, com secretário, ministério público, sindicato, mas não queriam esse projeto. O pessoal queria que fosse transformado em um local onde as próprias famílias pudessem produzir em escala industrial, transformando num projeto de Cinturão Verde, de hortifruti. Depois teve um projeto da universidade, em 2003, para ajudar a demonstrar para prefeitura que ali havia produção, o que gerou a lei criada nessa data. A prefeitura se comprometeu a dar assistência técnica, mas depois não cumpriu nada disso, não permitiu a venda dos lotes, não funcionou. E então cedeu um comodato novo para cada morador, sessão de uso, que foi aceito por eles, por dez anos, se comprometendo a plantar, produzir, podendo depois receber o título da terra. O que também não funcionou. E quando estava terminando os dez anos, a 185 prefeitura novamente não queria dar o contrato, aí entra novamente a universidade, 2012 e conseguimos reverter novamente para ceder novos contratos. Chegamos a montar um projeto para aquisição de dez tratores, para a produção. Encaminhamos com uma emenda parlamentar, demorou, mas saiu cinco tratores. Os tratores chegaram, foram, apresentaram, estava ali perto do Cristo. Falei com o rapaz porque não liberavam, faltava a parte da prefeitura. Levaram eles para o Cinturão, mas depois tiraram e não voltaram, sumiram todos, ninguém mais viu. Fizemos muitos outros cursos, produção orgânica, agroecológica, ervas medicinais. A associação que foi criada em 2002 até que funcionou bem, abertura de ruas, energia elétrica, coleta de lixo, ocorreram conquistas, boas, porque o Sindicato dos Trabalhadores Rurais ali sempre foi um empecilho lá. Hoje está novamente na pauta dos debates.

***E esta relação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, como foi ao longo do tempo.***

**Mieceslau:** Eu não acompanhei a fundação do sindicato, quando cheguei ele já existia, 1983, se não me engano. Funcionava em frente a casa do bispo, quase ao lado das pastorais. Quem pagava o aluguel da sede era a CPT, estava sempre junto, enfim. A relação foi ficando complicada com a CPT após o acampamento América Rodrigues. Um dos presidentes começou a ter umas divergências com a CPT e o próximo se afastou mais ainda. Este que teve alguns problemas e foi retirado do cargo e até a CPT apoiou a entrada depois da Jenir, que tinha um lote no Cinturão Verde, acho que entre 1995, 1996, não tenho o ano certo. Mas no início ainda tinha uma relação que foi se distanciando com divergências políticas de atuação, e se intensificou mais ali por 2000, quando saiu a terra que iria se tornar o Assentamento Pontal do Faia. Antes do grupo da Jenir entrar, um grupo dos pescadores que foi atingido estava à procura de indenização em alguma terra e fiquei sabendo da área que seria hoje do assentamento. Quando ela ficou sabendo agilizou a formação do acampamento porque entendia que poderiam perder, os filiados ao sindicato. Então, eu até passava por lá, conversava com uma família ou outra, mas sem 186 nenhuma participação. Depois quando saiu o assentamento, também tive pouco contato, mas alguns assentados me procuraram pedindo ajuda com algumas iniciativas. No início até avisei que poderia dar problemas, mas aceitei, ajudar a fundar uma associação e tal, estatuto e tal. Mas a partir disso a relação foi mais tensa, porque a perspectiva de reforma agrária dela não bate, ela é contra a atuação do MST, ocupação, da CPT e a relação que ele tem. Ela seguia a orientação da FETAGRI, contra a ocupação, no máximo acampamento, tanto que os acampamentos deles eram diferentes, podiam acampar, mas não precisavam ficar lá, talvez uma vez por semana. Próximo a isso, comecei a apoiar o Movimento Sem-Terra em Selvíria, organizado pelo sindicato, acampamento grande, e comecei a acompanhar a partir de um seminário que organizei sobre reforma agrária, na época que fizemos também o Seminário das Águas. Veio um ônibus de lá, e começaram a ter mais contato, participar das assembleias. Ia tudo bem, mas então o sindicato começou a intervir, orientar o pessoal a não aceitar mais minha ida, e começaram a não querer

que fosse mais, alguns ainda queriam, sabendo que tinha esta situação. Quanto eles foram assentados, gradualmente o pessoal parou de ir nas reuniões e tal, levei debates como educação no campo, pessoal não ia mais, sumiu. Ficamos depois sabendo que foi barrado, liderança que ajudamos a formar.

### ***A UDR se organizou por aqui, em Três Lagoas?***

**Mieceslau:** Então, a presença e forma de organização deles no estado sempre foi diferente, estão presentes, mas lá dentro dos prédios deles, você só fica sabendo dos encaminhamentos depois que as ações ocorreram e tal, ligados mais ao poder. Teve uma ação organizada por eles para arrecadar dinheiro, um leilão grande no estado, não lembro a data, mas foram fortes em intervir pontualmente.

### ***E a formação como geógrafo, como entrou na sua vida, as escolhas de debate sobre o eucalipto?***

**Mieceslau:** A academia em minha vida, desde o começo da militância, a gente via ela como empecilho a militância, a luta, como se fosse muita teoria sem prática, não 187 contribuía com a luta. Mas eu só fui entender a importância da academia ligada a militância depois de mais velho, depois de “apanhar” muito em debates de como era importante um aparato teórico para a luta, luta pela terra e tal. Então ali por 2003 eu fui participar como secretário da pesca do governo aqui no estadual, a gente viu a necessidade de também abordar este outro lado, ampliar as formas de embate neste espaço. Aí resolvi fazer um curso superior. Quando também fiz um curso da CPT nacional, aulas o dia todos, professores de várias áreas, no fim do curso tínhamos que produzir um artigo, um texto, aí vi a dificuldade de se produzir, mesmo que a partir da nossa prática. Produzi aquele texto que até foi publicado, sobre os atingidos pela barragem, fiz umas entrevistas e tal. Inicialmente queria fazer antropologia, mas aqui em Três Lagoas não tinha, e Sociologia, que também não tinha, aí fiquei na dúvida entre História e Geografia, qual seria mais interessante para minha atuação, que ajudasse no meu campo da pastoral. Geografia eu não gostava, para ser sincero, tinha dificuldade em entender o que poderia me ajudar. Mas então

com o trabalho que fiz com a Rose, no Cinturão, ela acabou me convencendo. A Celma até tentou me convencer para História, mas fui para Geografia. Mas, depois que entrei vi que ela tem contribuído muito na minha formação, junto a própria CPT, uma leitura mais ampla da realidade. Mas, hoje na Geografia vejo a importância da História. E ir para pós fui meio empurrado. Tem que fazer, tem que fazer, mas foi bom, não me arrependo não. Lá fui vendo também como a graduação ainda é superficial, pouca, na pós você consegue ler mais, uma questão de horizonte. E dentro dela a escolha do tema, era mais sobre a questão da expansão do eucalipto, algo que já tínhamos debate na graduação, até fizemos no passado aquele panfleto “eu não como eucalipto”, então já estava percebendo que a entrada deles já estava afetando a dinâmica agrária aqui, as consequências para região. Mas, a Rose queria mais voltado para avaliação dos dados do IBGE, ia sair, mas não queria muito, e no final acabamos incluir um pouco dessa parte também. E hoje, vendo as consequências não erramos não, vendo a realidade atual e nossas hipóteses no trabalho, das nascentes, diversidade alimentar, mudança na passagem dos animais 188 nas propriedades, especulação imobiliária, tanto rural quanto urbana. Se bem que hoje está tendo um problema para as próprias empresas, quanto ao preço da terra, do aluguel, está vendo que precisam reduzir os valores. Mas, tem outra coisa que acho importante que a CPT atuou e não falamos, foi sobre o trabalho escravo na região. Na década de 1990, foi uma atividade muito forte da CPT no estado, foi referência nacional e internacional, investigação nas carvoarias, destilarias, uma explosão do trabalho escravo, infantil. Algumas inclusive que estavam multadas e tal, por causa das condições e tal, e na nossa região inclusive já eram denúncias recorrentes, mas que continuavam. Professora, Edma, Germano, muitas entidades participaram e ajudaram. Soma-se a isso as condições da vinda de trabalhadores de outros estados, passamos em todos os alojamentos verificando as condições de moradia, todas irregulares, cheias, em espaços minúsculos, hotel com cerca de 20 pessoas em apartamento para duas pessoas. Aí o Ministério Público convocou as empresas e tentou rever a situação, garantir as melhorias, os recursos humanos.

***Recentemente, vocês chegaram a fazer algum trabalho com os haitianos que existem aqui?***

**Mieceslau:** Com relação a eles a Pastoral como entidade não, o que fizemos foi com um grupo de voluntários que se dispuseram em um determinado tempo a dar um atendimento a necessidades, como documentação, passaporte, vinda de familiares, emprego, alimentação, enfim, assistência mínima dentro do possível com grupos voluntários. Muito próximo com o que foi feito com os moradores em condição de rua, uma vez, duas por semana, preparava uma janta, até você mesmo fez muitas vezes (referência a entrevistadora), até ali antes da pandemia. Foi importante, porque, além da ajuda, observamos a agressividade da política com estas pessoas, truculentos, agredindo quem estava pegando a comida, e por outro lado ouvimos muita história de pessoas que estavam naquela condições por uma situação de emprego mesmo, dominados pelas drogas.

***Agora, mais para o fim, uma pergunta mais polêmica, poderia falar um pouco sobre sua atuação no PT, como foi e como vê hoje, também sua relação com o movimento carismático.***

189

**Mieceslau:** Assim, o PT teve uma proximidade muito grande com as pastorais sociais, o próprio partido reconhece isso, a própria igreja reconhece. E eu estava envolvido com o partido por este caminho, desde Rondonópolis faço essa discussão. Então, na medida do possível conversávamos com algumas lideranças para participar, e na CPT não entrávamos tão dentro por conta de uma orientação interna, para CPT ser ela e PT ser outra coisa. Havia muita resistência para que ninguém de dentro saísse como candidato do partido, e isso causava muita resistência, porque isso criava uma confusão para os próprios agricultores, “quem está aqui é CPT ou PT. Mas, a CPT na década de 1980, na eleição do Lula ela foi com força, fez declaradamente campanha e foi onde, por exemplo, começaram as divergências. O próprio José de Souza Martins quase bate em nós num evento da CPT em Goiânia, na assembleia, por causa da discussão se era processo ou projeto liberal, cada um defendia uma coisa e por traz está a campanha do Lula, criticou estarmos criando

mais um messias, uma liderança que iria depois dar problema para a esquerda. Aí eu entro mais na luta do PT, até me filiando, quando saí da CPT, na década de 1990, participei das lideranças no estado. E depois, em 2003, quando o Lula foi eleito, o pessoal do partido aqui me empurrou a assumir a secretaria da pesca no estado. O ministro era da minha ala de articulação e fui. Me afastei novamente da CPT e assumi, me forçando a sair depois como vereador aqui, e sai do cargo. Foi uma campanha linda, honesta, militante, um grupo forte de umas trinta pessoas, na rua, uniformizados, boina e tudo, uma reunião em bairro, dialogar, neste sentido fui interessante. Ganhar, não ganhei e sofri muito no processo da campanha e prometi nunca mais sair para cargo nenhum. Sofri demais, com o povo viciado no modelo antigo, pedindo dinheiro, pagar algo, luz, se você podia ser cabo pagando, quando era o voto, eu não estava aguentando a campanha e fui até o final. Estava rezando para não ser, o que eu faria numa câmara dessas. Então a partir daí participei muito pouco. Uma última atuação foi em uma Comissão de Ética, em 2012 acho, uma campanha que o PT aqui rachou, por divergência de candidatos. Aí na votação, 190 venceu apoiar o Guerreiro, e a Márcia com outro, e mesmo assim parte fez campanha para um e o outro fez para outro candidato. Nesse processo tivemos que pedir a expulsão destes filiados, por não seguir o estatuto e tal, código de ética, tal, merecem a expulsão e tal. Pessoal do partido quase me matou, só estou seguindo a comissão. Fizemos tudo e depois Campo Grande anulou tudo. Aí nunca mais me envolvi, chega. E sobre o movimento carismático, a igreja foi sofrendo uma penetração de um conservadorismo extremo. Apesar que tivemos um papa, o Francisco, ótimo papa, até tentou reavivar a Teologia e tal, da forma dele, com temas atuais. Agora esse papa também, soltou um documento muito bom, mas que traz elementos da Teologia original, renovou. Eu pessoalmente, até um tempo atrás eu ia a igreja, mas depois daquela campanha da fraternidade, acho que a de 2018, 2019, até assumi participação e tal, mas depois de uma reunião que fizemos na casa de um bisco, sobre o tema, fui eu e a Luciene, falamos e tal, o bispo perguntou, o que tem a dizer, nenhum se prontificou a participar. Uns ainda disseram que iam pensar

se iriam participar. Não chamaram para mais nada. A partir de lá, não me envolvi mais, participou individualmente, muito bolsonarismo dentro da igreja, não dá ouvir umas falas. Vivemos um momento complicado assim. Estou nessa, consigo atuar, ajudar, sem estar ligado.

***Tem algo a mais que gostaria de acrescentar?***

**Mieceslau:** Fechando, o que posso dizer é o seguinte: na atuação nossa, de CPT tivemos várias fases, momentos e prioridades, mudando a atuação de acordo com as necessidades. A década de 1980 bem centrado nos sem-terra, organização sindical, após isso ocorreu uma gradual divergência com os momentos de luta pela terra, decidindo não mais participar na luta pela terra, mas na terra, no sentido da vivência e permanência na terra. E na década de 1990 se amplia a necessidade desta discussão, entrando gradualmente novos termos e necessidades, como a própria agroecologia, que vai vir depois, diversificada, integrada, mais sustentável, também na questão econômica, se distanciando cada vez mais dos agrotóxicos e usos de 191 veneno. Muitos jovem começaram a entrar nesse debate, a Rosana mesmo, que esteve aqui no Singa. E do ano de 200 para cá foca no seu projeto de busca de financiamento para estes produtores, agroflorestas atualmente, um debate forte, junto aos povos indígenas também, que é o que está mais fazendo hoje. Então, falar da CPT hoje é outra realidade, antes, década de 1980 tínhamos mais de trinta agentes, pagos, dedicados somente a isso, hoje não somos nem três ou quatro fazendo trabalho de CPT liberados. Muitos hoje são voluntários, mais periódicos. Outra questão que sinto é que como a CPT pode ter uma volta para luta pela terra, vendo a fragmentação que se encontra hoje. A questão do uso de venenos hoje está muito perigosa, para o próprio trabalho, em ramos diversos, uma realidade que mostra que temos muitos debates que necessitam ser feitos ou continuar. A produção orgânica hoje no estado mesmo, que é muito forma na porção sul, quem faz sou é a CPT ou ex-agentes que estão diretamente nos assentamentos, pequenos agricultores, ou seja, ajudamos a formar muitos.

***Agradecemos muito pela atenção e disponibilidade.***

Submetido em: 02 de fevereiro de 2026.

Aceito em: 19 de fevereiro de 2026.

Publicado em: 14 de abril de 2026.